

# Comunicação, Público e Multidão em Gabriel Tarde (Análise)

Marco António Antunes

## Índice

1	Introdução . . . . .	3
2	História do público . . . . .	4
3	A era do público . . . . .	8
4	Interpsicologia no público . . . . .	10
5	Público e multidão . . . . .	15
6	Classificação dos públicos e das multidões . . . . .	17
7	Os males do público . . . . .	18
8	O indivíduo e a democracia . . . . .	19
9	Tarde versus Durkheim . . . . .	20
10	Subjectividade e intersubjectividade . . . . .	24
11	Conclusão . . . . .	26
12	Notas . . . . .	28
13	Bibliografia . . . . .	36

## Resumo

A comunicação em sociedade realiza-se a partir de laços sociais. Tarde insiste na invenção dos indivíduos, mas qualquer descoberta consiste num encontro mental de conhecimentos já antigos e a maior parte das vezes transmitidos por outro num contágio imitativo. Neste encontro mental, pode existir uma oposição psicológica e social. O nominalismo de Tarde valoriza a importância

do indivíduo na comunicação. A sociedade é o conjunto dos indivíduos e das relações interpsicológicas.

No público existe a valorização da comunicação unilateral. O público é a colectividade social que permite aos publicistas e jornalistas as maiores facilidades de se imporem e às opiniões originais as maiores facilidades para se difundirem, assim as interações entre os indivíduos pertencentes a um público são fracas. Mas a transformação de qualquer classe de grupos sociais em públicos explica-se por uma necessidade inevitável de sociabilidade, que torna possível a comunicação regular de informações e excitações comuns. (O público é um espaço de coesão mental entre indivíduos fisicamente separados). Na multidão existe a valorização da comunicação recíproca, logo a acção do líder inspirador aparece sempre contrabalançada pelos outros indivíduos. (A multidão é um espaço de coesão perante interesses materiais, étnicos e de nacionalidade entre indivíduos fisicamente unidos).

Tarde não esclarece totalmente em *Le public et la foule* se a troca comunicacional que se verifica no decurso da actividade intermental recíproca permite a subsistência do pensamento individual independente. Esta aparente ambiguidade é, na verdade, resolvida em *Les lois de l'imitation*, através de uma posição dialéctica que configura a sociedade como um conjunto de leis lógicas e extra-lógicas e um facto social de imitação em que o laço unilateral precede o laço recíproco, embora exista a influência do meio social.

A comunicação unilateral e a comunicação recíproca podem ser enquadradas na relação entre a interpsicologia e a temática da subjectividade e intersubjectividade. A interpsicologia tem a especificidade do pensamento nominalista de Tarde. No entanto, podemos comparar esta teoria à luz da temática da subjectividade e intersubjectividade, por exemplo no quadro da fenomenologia social. Por um lado, a invenção e a subjectividade correspondem a uma comunicação unilateral; por outro lado, a imitação (associada à oposição social e invenção) - e a intersubjectividade implicam uma comunicação recíproca.

## 1 Introdução

Invenção, imitação e oposição estão presentes em diferentes graus na actividade intermental (1) existente na sociedade. Todas as colectividades sociais, entre elas o público e a multidão, estão inseridas em dois momentos interpsicológicos: 1) Comunicação Unilateral de um indivíduo através da invenção, que contudo parte de um quadro imitativo preexistente e pode estar sujeita a uma oposição intrapsicológica. 2) Comunicação Recíproca entre dois ou mais indivíduos que formam laços sociais em função de uma coesão mental por imitação (o público define-se como um espaço de coesão mental à distância entre indivíduos fisicamente separados), embora possa existir oposição interpsicológica (social) e mesmo novas invenções em função da acção discursiva. A origem desta teoria social, que Tarde designa por interpsicologia, advém da sua posição nominalista: a sociedade é um facto social de imitação, na qual apenas existem os indivíduos (esfera psicológica) e as interacções dos indivíduos (esfera intermental ou social).

A obra de Gabriel Tarde *L'opinion et la foule* reveste-se de grande importância para a Filosofia, Psicologia, Ciências da Comunicação, Sociologia e Criminologia. *Le public et la foule* foi pela primeira vez publicado em 1898 nos números de 15 de Julho e 1 de Agosto de *La Revue de Paris*. Constitui uma análise sobre o público e a multidão enquanto colectividades sociais, cujos líderes de opinião são: os publicistas e jornalistas (no caso do público); líderes inspiradores (no caso da multidão). Tarde explica a História do Público assinalando as semelhanças e diferenças com a multidão. Os publicistas afirmam a invenção como líderes de público. Os líderes inspiradores da multidão actuam contrabalançados pela influência recíproca entre os vários indivíduos. Os jornalistas exercem uma adaptação com os seus públicos: a posição do público reforça e não muda a posição do jornalista. Contrariando Gustave Le Bon na sua psicologia das multidões, Gabriel Tarde afirma que vivemos "na era do público". Neste contexto, *Le public et la foule* é a primeira obra de Tarde dedicada à formu-

lação de uma história e teoria do público na sua oposição com a multidão. Partindo da análise do espaço público (2), Tarde analisa em *L'opinion et la conversation* (1899) a interpsicologia das relações recíprocas dos indivíduos, num esquema linear, constituído por quatro factores: notícias, conversação, opinião e acção. *Le public et la foule* e *L'opinion et la conversation* possuem grande parte dos pressupostos que estão na origem das modernas teorias da comunicação interpessoal e de massas. Só assim se explica que Gabriel Tarde seja considerado o pai fundador das Ciências da Comunicação, concepção defendida entre outros autores por Elihu Katz.

## 2 História do público

O conceito "público" nasce na Antiguidade. Deriva do latim *publicus*, o qual provém, provavelmente, de *poplicus* ou *populus* (o povo). Existiam dois sentidos de povo presentes na palavra público. No primeiro sentido, a noção de público centra-se na ideia de acessibilidade. O público designava o acesso comum de vários indivíduos a um mesmo lugar - o lugar ou espaço público. Assim, na Grécia o espaço público era o lugar do reconhecimento da liberdade e da igualdade, condições que permitiam intervir na vida política da polis. Em Roma, a *res publica* era uma determinada propriedade geralmente aberta à população. Na Idade Média, o espaço público era o local que proporcionava o acesso, em campo aberto, à fonte e à praça do mercado. No segundo sentido, predomina a ideia de bem comum ou interesse comum. Público referia-se a questões de interesse geral e, concretamente, a matérias relacionadas com a Administração e o Estado. Na Idade Média, senhorial e público eram sinónimos. Publicar significava, sobretudo, requisitar para o senhor. A partir de 1400, a Corte torna-se o espaço público onde os senhores feudais e demais cortesãos adquirem a sua representatividade junto do Soberano. Com o desenvolvimento da burguesia, o Estado assume-se como organizador do mercantilismo. O interesse público é, neste caso, dar a conhe-

cer os produtos e respectivos valores de circulação monetária. No século XVII e mais tarde no século XVIII com o Iluminismo, o termo público significava a existência de um espaço de discussão crítica operado nos salões, cafés, clubes e na imprensa (consequentemente, assiste-se ao surgimento e tematização da opinião pública). Durante o absolutismo, o rei era considerado pessoa pública: um unificador dos diferentes membros da sociedade. Nos séculos XVIII e XIX, o termo público passou a designar o Estado e também uma entidade com existência objectiva, que exerce a sua vigilância sobre a pessoa que governa (Habermas, 1984: 13-41, 110-168, 235-236, 274-290), (Price, 1994: 20-22), (Rodrigues, 1985), (Correia, 1998: 21-26).

As primeiras tentativas de configurar um tratamento científico sobre a questão do público, a conduta das multidões e das massas foram desenvolvidas por um grupo de teóricos da vida sócio-psicológica, entre eles Bryce, Tarde, Dewey, James, Baldwin, Le Bon, Park, Cooley e Ortega y Gasset. Estes autores problematizaram e tipificaram os comportamentos colectivos que mais afectavam a vida social dos séculos XIX e XX, nomeadamente as multidões espontâneas, greves, atitudes de massa e distúrbios. Estes fenómenos foram particularmente debatidos pela imprensa que pretendia, de certo modo, regular e orientar o comportamento do público, das multidões e das massas (Price, 1994: 39-40), (Noelle-Neumann, 1995: 282-283).

Nos finais do século XIX e inícios do século XX, as teorias do público assinalavam a existência de um fenómeno supra-individual intrinsecamente colectivo, que todavia se realizava através de agentes críticos empenhados na afirmação da sua racionalidade. Em França, Tarde foi um dos primeiros autores a sistematizar a História do Público e as suas relações com a multidão. Tarde, apesar de formular uma História do Público, está interessado num estudo sincrónico do público, sobretudo, nas formas de interacção entre público e imprensa. "É curioso que nem em latim nem em grego exista uma palavra que corresponda ao que nós entendemos por público"(Tarde, 1986: 46). Price (1994: 42-47)

cita Blumer (3) (1946: 189) o qual, clarificando e ampliando as análises de Park (1904) (4), propõe que o "o termo público se utilize para se referir a um grupo de gente que a) estão confrontados por um assunto, b) se encontram divididos na sua ideia de como perspectivar o assunto, e c) abordam a discussão desse assunto".

O aparecimento da Mass Communication Research, da Public Opinion Research e dos métodos empíricos da Sociologia da Comunicação (5) foram contributos importantes para a teoria do público. Devido ao desenvolvimento crescente dos mass media, o público passou a designar, simultaneamente, um meio de discussão crítica, mas também e sobretudo um somatório de opiniões individuais mensurável através de inquéritos, sondagens e audiências. Na década de 1960, Habermas afirma que no público paralelamente a uma publicidade crítica, herdeira da esfera pública burguesa, existe também uma publicidade manipuladora. Segundo as teorias mais recentes, o público discursivo e crítico representa uma pequena fatia do eleitorado moderno, assim se compreende a contínua alienação dos cidadãos face à participação política. (Mattelart, 1996: 366-367), (Price, 1994: 20-22, 43-45), (AAVV, 1989),

Park, comentado por Price (1994: 43-44), distingue público e multidão: o público encontra-se num estádio de oposição e discurso racional entre agentes críticos sugerindo a capacidade de pensar com os outros; a multidão está imersa na experiência emocional requerendo "a capacidade de sentir e empatizar"; quando o público abandona a discussão crítica desaparece ou transforma-se em multidão. No mesmo contexto, Martin e Campoy (1993: 15-16), citados por Baigorri (1994), distinguem público e multidão: "Basicamente diferenciar-se-iam pela extensão da acção deste tipo de associações; pelo regime de pertença geralmente vigente em ambas; pelos factores de motivação; e pela sua homogeneidade e grau de capacidade de acção livre. Atendendo à extensão da acção, a actividade da multidão termina quando o faz a [extensão da acção] dos seus líderes, enquanto que a [extensão da acção] do público cresce indefinidamente. Atendendo ao regime

de pertença, pode dizer-se que é exclusivista na multidão (daí a sua intolerância), e não exclusivista no público (cada um pode pertencer a vários públicos). Atendendo à motivação: os factores que motivam a formação das multidões são em certo modo externos e primários (tempo, etnia...), enquanto que os dos públicos são internos (isto é, apoiados num estado de espírito preexistente). Quanto à sua relação com a liberdade de acção, e com a própria homogeneidade, a mútua aceitação entre o emissor e o receptor, que escolhe livremente a sua fonte de informação/opinião, faz do público um grupo mais homogéneo que a multidão, a qual é alimentada por curiosos e semi-aderentes que, uma vez ganhos e assimilados (e com poucas possibilidades desde então de mudar de descrição) fazem muito difícil uma direcção comum (...).

Uma outra dicotomia é a diferença entre público e massa. Mills (1956: 303-304) refere: "Num público (...) 1) podemos supor que pelo menos tantos indivíduos expressam opiniões quantas os recebem; 2) o sistema da comunicação autoriza uma resposta imediata e efectiva a toda a opinião expressa no seio do público; 3) a opinião que resulta de um processo semelhante de discussão não encontra qualquer dificuldade de esclarecimento sobre a acção concreta, e mesmo - ainda que seja necessário - se esta acção deva se opor ao poder; 4) (...) as instituições do poder não intervêm no seio do público, que joga assim de uma autonomia relativa.(...)" Na mesma antinomia, Price (1994:48) assinala a seguinte tese: "A concepção sociológica do público contempla este como uma colectividade imprecisamente organizada que surge do decurso da discussão em torno a uma questão. Em contraste com a massa, que se baseia unicamente numa atenção comum face a algum assunto e que está formada por respostas idiossincráticas formadas longe de qualquer debate ou discussão, o público distingue-se por uma resolução de algum problema por meio de argumentos e réplicas. (...)

### 3 A era do público

Tarde assume-se como o primeiro sociólogo que se ocupa dos conceitos “público” e “opinião” enquanto domínios de uma psicologia do público (ou em linhas gerais de uma psicologia social). O público constitui, para Tarde, um modelo de sociabilidade destinado a substituir o modelo de descrição das relações sociais fundado na psicologia das multidões. Logo, o público, apesar de emergir das multidões, pressupõe "uma evolução mental e social muito mais avançada que a formação de uma multidão"(Tarde, 1986: 46). A ideia de que o público emerge das multidões é reforçada pela possibilidade de se poder pertencer a vários públicos num mesmo tempo, sem, contudo, ser possível pertencer a várias multidões num mesmo contexto temporal (Tarde, 1986: 50). Tarde propõe uma definição simplificada de público: "uma colectividade puramente espiritual, como uma dispersão de indivíduos fisicamente separados e entre os quais existe uma coesão somente mental"(Tarde, 1986: 43). A relação que se estabelece num público consiste, assim, numa relação social e espiritual. Para Tarde, o público, que alimenta a imprensa, está imbuído de um sentido de actualidade - "tudo o que inspira actualmente um interesse geral e inclusivamente ainda que se trate de um facto antigo"(Tarde, 1986:45). Este autor considera como actualidade o caso Dreyfus (6). Por outro lado, para que o público partilhe a actualidade à distância da imprensa é necessário que exista uma sugestão de proximidade, a qual resulta do "hábito da vida social intensa"(Tarde, 1986:45).

Na tentativa de realizar uma História do público, Tarde salienta que antes do século XVI não se pode falar de público. Na Antiguidade, existiam colectividades que correspondiam aos auditórios dos filósofos ou que participavam nas actividades do Coliseu. Na Idade Média, existiam feiras e peregrinações, nas quais as multidões compartilhavam diferentes sentimentos. O conceito de público nasceu no século XVI com o desenvolvimento da tipografia, acontecimento que irá possibilitar, progressivamente, o de-



bate dos mais variados temas, por parte de públicos especializados. Mas, o público surgiu com maior notoriedade nos séculos XVII e XVIII. Inicialmente, o público era restrito, constituído por um pequeno número de eruditos que liam as gazetas e se reuniam em salões, cafés e clubes. Paralelamente a este público, existia uma multidão amorfa de pessoas que se manifestavam nos acontecimentos políticos e socioeconómicos (por exemplo: coroações, revoltas, festas) (Tarde, 1986:46-48).

No decurso do século XVIII, a especialização dos públicos é um facto: surge um público filosófico, a par de um público científico e literário. Esta situação conduziu, na segunda metade do século XVIII, ao surgimento de um público político que reúne todos os outros públicos. A Revolução de 1789 contribuiu para o progresso do jornalismo, que se especializa na crítica ao novo regime, e dos publicistas que se afirmam como líderes de público. É de assinalar que, segundo Tarde, antes da Revolução os públicos eram o efeito dos salões, cafés e clubes, mas após a Revolução deu-se o inverso. Tal facto, compreende-se porque o movimento político e socioeconómico, então gerado, fez eclodir a mudança de temáticas nos espaços de discussão pública (Tarde, 1986: 47-48).

No século XIX e princípios do século XX, o desenvolvimento da imprensa amplia o universo do público e dos publicistas. A expansão do público e da imprensa seria impossível sem a coexistência de três grandes invenções: a tipografia, o telégrafo e o caminho-de-ferro. Neste contexto, Tarde dirige uma crítica a Le Bon. Segundo Le Bon, assiste-se a uma ascensão imparável e perigosa das multidões. Ora, para Tarde, as multidões são um reflexo do passado constituindo a segunda forma mais antiga de colectividade (a seguir à família) e estão condenadas a ser substituídas pelos públicos, na medida em que não promovem a acção discursiva. Valoriza-se, assim, o público que se situa num estádio evolutivamente superior em relação à multidão. Deste modo, vive-se na era dos públicos e não na era das multidões como defendia Le Bon (Tarde, 1986: 48-49).

Tarde compara o público dos jornais e revistas a uma clientela comercial. Na imprensa o público é de dois tipos: estável e flutuante. Escreve Tarde (1986: 54): "(...) os públicos fechados [estáveis] fazem jornalistas honestos e convictos, do mesmo modo que os públicos caprichosos [flutuantes] fazem jornalistas ligeiros, versáteis e inquietos (...)". Na actualidade, o público estável é o público da imprensa de referência e o público flutuante é o público da imprensa popular. O público estável é mais difícil de manipular pelos jornalistas. É um público que partilha uma coesão mental mais acentuada por valores tradicionais e está interessado, sobretudo, na informação factual. O público flutuante é mais fácil de manipular pelos jornalistas e publicistas. É um público interessado na emoção.

A imprensa, apesar de ter modificado a força das antigas colectividades sociais (nomeadamente a família e a multidão) através de interesses ideológicos, contribuiu para o surgimento de um público discursivo, nomeadamente religioso e político. Daí que a imprensa tenha conduzido à interpenetração e internacionalização dos partidos políticos e das seitas religiosas (Tarde, 1986: 57).

#### **4 Interpsicologia no público**

Um dos grandes objectivos de Tarde consiste na tentativa de compreender a relação entre o indivíduo e o social no contexto da actividade intermental. Tarde está consciente dos males do individualismo solipsista. Mas acredita na valorização da capacidade inventiva e criativa dos indivíduos. Neste sentido, o público é a colectividade social que proporciona "aos tipos individuais mais evidentes [por exemplo: publicistas e jornalistas] as maiores facilidades de se imporem e às opiniões individuais originais as maiores facilidades para se difundirem" (Tarde, 1986: 55), isto é, o público constitui um espaço de afirmação e esclarecimento do indivíduo favorecendo a comunicação unilateral (7). Primariamente, o público manifesta-se como um espaço de emergência da esfera privada. Os indivíduos racionalmente esclarecidos criam

laços unilaterais no público. Para Katz (2000: 1), Tarde acredita que os líderes da opinião, e especialmente os jornalistas **(8)**, têm grande influência sobre o público. Após os indivíduos escolherem um dado jornal e após os jornais descobrirem os gostos dos seus leitores, existe uma acomodação mútua, que permite aos jornalistas manipular o seu público de leitores. Neste âmbito, as interações entre os membros do público são mais fracas do que a ação manipuladora dos jornalistas: "(...) a interação dentro do público é fraca porque os membros do público são 1) auto-seleccionados e 2) são regularmente influenciados pelo jornal que partilham. Por outras palavras, a deliberação do público simplesmente reforça, mas não muda a posição do jornalista"(Katz, 2000: 1). A manipulação dos jornalistas sobre o público é, sem dúvida, um exemplo da importância primária da invenção. Os jornalistas e os líderes de opinião em geral, através dos media, exercem uma mediação entre os indivíduos e a sociedade nos seus diferentes grupos (por exemplo: os públicos e as multidões). A invenção é primária e matricial no público. Hunter (2000: 1) cita Clark (1969), o qual comentando Tarde refere: "A última fonte para toda a invenção encontra-se nas associações criativas originadas nas mentes dos indivíduos dotados". De facto, Tarde (1986: 76) defende que "(...) em definitivo, toda a iniciativa fecunda só pode emanar de um pensamento individual, independente e vigoroso". Tarde concorda com Lamartine, segundo o qual, o indivíduo deve afastar-se da multidão e do público.

Mas, Tarde refere também que o surgimento do público explica-se pela crescente necessidade de sociabilidade dos seus agentes críticos, os quais realizam uma comunicação regular através de informações e excitações comuns: "A transformação de qualquer classe de grupos em públicos explica-se por uma necessidade crescente de sociabilidade, que torna necessário que os associados se disponham em comunicação regular mediante uma corrente contínua de informações e excitações [reacções discursivas] comuns. Esta transformação é, por conseguinte inevitável. (...)"(Tarde, 1986: 56) **(9)**. Secundariamente, o público constitui

um espaço propício para a comunicação regular de informações e sentimentos comuns. Este é o momento da comunicação recíproca, que surge como resultado das inevitáveis acções e reacções intermentais entre os indivíduos. O laço recíproco só surge depois de estabelecido o laço unilateral: "(...) Tarde acredita que os grandes indivíduos constituirão inicialmente um público, o qual, uma vez formado, tornar-se-á aberto à mútua comunicação e sociabilidade entre os seus membros"(Hunter, 2000: 1). A comunicação recíproca no público é, assim, consequência da natureza social dos indivíduos. A reciprocidade intermental surge também na imprensa. Tarde acredita que a acção comunicacional operada na imprensa pode conduzir à união e pacificação finais. "(...) Apesar de tudo, inclino-me a crer que as profundas transformações de que somos devedores à imprensa foram feitas no sentido da união e da pacificação finais."(Tarde, 1986: 76). É neste sentido que em *L' opinion et la conversation* escreve: "Não sabemos, nem nunca saberemos, até que ponto o jornal transformou, enriqueceu e, simultaneamente, nivelou - *unificou no espaço e diversificou no tempo* - as conversas dos indivíduos, mesmo dos que não lêem nem liam jornais mas que, falando com os leitores, foram forçados a seguir os seus pensamentos. Basta uma caneta para pôr em acção milhares de línguas"(Tarde, 1991: 67). Atendendo ao conceito de público (Tarde, 1986: 43), os indivíduos com a sua individualidade discursiva partilham uma coesão somente mental. Daí a importância da comunicação recíproca enquanto mediação interpsicológica cujo efeito praxiológico é a existência de sociabilidade. Após a invenção, a intercompreensão é o laço social que une os indivíduos no público. "Este laço é (...) a consciência possuída por cada um deles de que esta ideia ou esta vontade é compartilhada num mesmo momento por um grande número de homens. (...)"(Tarde, 1986: 44). Neste sentido, as correntes de opinião pública são, para Tarde, comunicações de consciência a consciência (actividade intermental) desligadas do instinto físico próprio da multidão.

Tarde oscila entre a invenção, primariamente valorizada, e a

inevitável aceitação da comunicação recíproca regular de acções e reacções no âmbito de uma informação discursiva. Estas duas posições podem ser aparentemente contraditórias. Mas na verdade inserem-se no nominalismo de Tarde: a sociedade é constituída pelos indivíduos e pelas interacções dos indivíduos. Porque motivo Tarde valoriza o pensamento individual ao ponto de o apelidar de independente, se a transformação dos grupos sociais em públicos implica a comunicação e sociabilidade de cariz inevitável? Será que a partir da troca comunicacional ainda é possível falar de um pensamento individual e independente? Tendo as profundas transformações sociais, motivadas pela imprensa, conduzido à união e pacificação finais, será que o pensamento individual independente corre o risco de ser absorvido pela partilha comunicacional? Tarde dá uma resposta implícita em *Le public et la foule* só compreensível à luz do conjunto da sua obra e particularmente visível em *Les lois de l'imitation*.

Em Tarde, a comunicação unilateral é valorizada. Mas, a comunicação recíproca surge secundariamente. É em *Les lois de l'imitation*, estudo matricial na teoria da comunicação (intermental) de Tarde, que o indivíduo e a sociedade surgem no quadro das leis sociais, nomeadamente na interacção entre a invenção, a imitação e a oposição. Tarde (s.d: 109) refere: "(...) Assim, é bem certo que o progresso da civilização tem por efeito tornar a sujeição à imitação cada vez mais pessoal e racional ao mesmo tempo. Nós estamos tão sujeitos como os nossos antepassados aos exemplos ambientais [sociedade], mas apropriámo-los melhor pela escolha lógica e individual que deles fazemos, mais adaptada aos nossos fins e à nossa natureza particular. Isto não impede, contudo, a parte das influências extra-lógicas e prestigiosas de ser muito considerável. (...)". No mesmo contexto, Tarde refere: "Para inovar, para descobrir, para acordar um instante do seu sonho familiar ou nacional, o indivíduo deve escapar momentaneamente à sua sociedade. Ele é supra-social, antes de social, (...)"(Tarde, s.d: 113). O indivíduo para afirmar a sua individualidade, por exemplo no

público, tem de formular momentaneamente uma invenção que se inicie no pensamento individual.

No entanto, para Tarde (s.d: 424), a invenção não é um simples acto individual e independente: "qualquer invenção, qualquer descoberta, consiste num encontro mental de conhecimentos já antigos e a maior parte das vezes transmitidos por outro". É neste sentido que Reynié explica: "[a invenção] atravessa o indivíduo, parece extrair-se do mundo social graças à mediação do sujeito que não é, sem ele saber, mais do que um instrumento de um misterioso desígnio"(Tarde, 1989: 10). Para Tarde, existe primazia do pensamento individual. Mas as novas iniciativas não são o puro produto de uma razão particular, pois a influência exterior do meio ambiente, da discussão, da tradição e da educação estão também presentes enquanto contágio imitativo. "(...) uma condição sem a qual dois seres não saberiam obrigar-se um para com o outro, é porque eles têm um fundo de ideias e de tradições comuns, uma língua ou um tradutor comum, semelhanças tão estreitas formadas pela educação, uma das formas da transmissão imitativa. (...) (Tarde, s.d: 86). Tarde afirma que qualquer animal é conduzido inevitavelmente à vida em sociedade: "Não é somente o homem, é todo o animal que, enquanto ser espiritual a diversos graus, aspira à vida social como a condição sine qua non do desenvolvimento do seu ser mental. Porquê? Porque a função cerebral, o espírito, se distingue das outras funções em que ela não é uma simples adaptação a um fim preciso por um meio preciso [negação do determinismo biológico], mas uma adaptação a fins múltiplos e indeterminados que devem ser precisados mais ou menos fortuitamente pelo próprio meio que serve para os conseguir e que é imenso, a saber pela imitação do exterior. Este exterior infinito, (...) pintado, representado, imitado pela sensação e a pela inteligência, é antes de mais a natureza universal [o mundo natural] que exerce sobre o cérebro, depois sobre o sistema muscular do animal, uma sugestão contínua e irresistível; mas em seguida, e sobretudo é o meio social".

## **5 Público e multidão**

Tarde afirma que "a multidão apresenta algo de animal"(Tarde, 1986:43), isto é, enquanto colectividade heterogénea e emocional encontra-se dominada por interesses materiais (intolerância, egoísmo, irresponsabilidade, perda do sentimento do bom senso), que impedem a intercompreensão discursiva (Tarde, 1986: 64). Uma das diferenças mais significativas entre público e multidão consiste no reconhecimento de que a multidão está mais vulnerável aos elementos físicos e étnicos. Contrariamente, num público não existe uma uniformidade de posições étnicas, nem a influência decisiva dos elementos físicos da natureza, mas a tentativa de uma reflexão, na qual cada indivíduo se apresenta como agente crítico. Assim, num público assistimos à emergência de uma individualidade crítica, enquanto que na multidão a individualidade étnica e as condições físicas existentes no meio social são condição de pertença (Tarde, 1986: 50).

Para Tarde, "(...) a influência que o publicista exerce sobre o público ainda que menos intensa num dado instante, pela sua continuidade, é muitíssimo mais poderosa que a impulsão breve e passageira inculcada à multidão pelo seu inspirador;"(Tarde, 1986: 51). Tarde está consciente das possíveis objecções que lhe possam formular e refere: "Precisamente, porque na composição de uma multidão, os indivíduos entram somente pelas suas semelhanças étnicas, que se somam e constituem a massa, e não pelas suas diferenças próprias, que se neutralizam e que no movimento de uma multidão os ângulos da individualidade se esbatem mutuamente em benefício do tipo nacional, que dão como síntese. E é assim apesar da acção individual do manipulador ou dos manipuladores, que se faz sentir sempre, mas sempre contrabalançados pela acção recíproca da multidão"(Tarde, 1986:51). Ou seja, a acção do líder inspirador da multidão está mais dependente da reciprocidade comunicacional dos indivíduos do que no caso dos publicistas. No público, os indivíduos adoptam uma coesão mental perante os valores defendidos pelo publicista. Este último,

exprime melhor o seu pensamento individual, porque os membros do público exercem uma influência fraca entre si.

Publicistas como Marx, Kropotkine, e outros desenvolvem o seu individualismo através de um contínuo processo de invenção. Nestes publicistas, o espírito anarquista e socialista só foi possível porque "(...) a impressão individual do génio do seu promotor [é] mais marcada sobre um público do que o génio da nacionalidade e que o inverso seja verdade para a multidão" (Tarde, 1986: 52). Deste modo, a invenção dos publicistas no público é mais evidente devido ao pensamento individual do que os condicionamentos inerentes à nacionalidade (no público a acção discursiva é realizada à distância e entre indivíduos fisicamente separados). Contrariamente, para o líder inspirador da multidão a nacionalidade e o meio natural são influências mais determinantes do que a sua invenção individual.

Tarde estabelece uma relação inversa entre público e multidão, isto é, o público da Universidade, dos salões, cafés, da imprensa etc. cresce mais rapidamente à medida que a multidão tumultuosa diminui; esta situação explica-se porque o público, enquanto espaço de discussão crítica, é gerador de apaziguamento nas relações pouco racionais da multidão (Tarde, 1986: 59).

No âmbito da psicanálise, Tarde defende que existe um estágio de hipnose e sugestão nas multidões: "(...) uma multidão de homens reunidos é muito mais crédula do que cada um deles em separado; porque o facto de ter apenas a sua atenção concentrada sobre um único objecto, numa espécie de *monoideísmo* (10) colectivo, acerca-os ao estado de sonho ou hipnose, onde o campo da consciência, singularmente reduzido, é invadido por inteiro pela primeira ideia que se lhes ofereça" (Tarde, 1986: 73). O monoideísmo colectivo prova que a influência recíproca dos indivíduos na multidão é orientada a partir de respostas emocionais desligadas da argumentação racional. A consciência individual é submetida a uma de hipnose colectiva que resulta da convergência recíproca perante interesses naturais, étnicos e nacionais. No



âmbito do monoideísmo por hipnose, Tarde situa-se, assim, na esteira de autores como Ribot, Bernheim, Richet, Binet e Onwicz.

## 6 Classificação dos públicos e das multidões

Para Tarde, os públicos e as multidões podem ser classificados em função do sexo, da idade, dos fins e da fé que os anima, e ainda por critérios: étnicos, económicos, culturais, profissionais, políticos, religiosos, estéticos e filosóficos.

Em relação à classificação por sexo, Tarde assinala uma certa semelhança entre os públicos femininos que lêem novelas, jornais de moda, revistas femininas etc. e as multidões femininas. Tarde refere os exemplos de Jannsen (11) e Taine (12) para confirmar o carácter violento de certas multidões femininas. Quanto à classificação por idade, ela é mais visível na *gerontocracia* dos públicos senis e na *efebocracia* das multidões eleitorais. Públicos e multidões não são distintos no que se refere aos fins e fé que os anima. Assim, existem públicos e multidões de crentes, ambiciosos, convencidos, fanáticos, apaixonados, despóticos. Por critérios étnicos, vemos que a raça é mais importante nas multidões, pois nos públicos, pela natureza [universal] da reflexão crítica, admite-se uma maior heterogeneidade étnica. A nível económico, existem multidões (industriais, operários, agricultores) e públicos [elite crítica que acompanha a economia nacional e internacional]. A nível cultural [cultura como sapiência], existe uma omnipresença do público, pois este afirma-se como espaço de divulgação crítica do saber. A nível profissional, existem públicos e multidões. Tarde dá o exemplo das multidões esfomeadas, conduzidas pelos sindicatos, e das corporações, que se configuram como públicos, na medida em que são grupos sociais organizados. A multidão pode também estar presente na corporação. As multidões estéticas e religiosas, as únicas verdadeiramente crentes, são as mais intolerantes. Existem também públicos religiosos [os crentes que questionam as verdades da fé: as várias seitas/Igrejas], públicos políticos [os vários indivíduos que coexistem mentalmente num

partido ou grupo político] e públicos estéticos [os críticos e as escolas de Arte]. A nível filosófico, Tarde assinala apenas a existência de público. No âmbito restrito do sistema de crença, os públicos e as multidões podem também subdividir-se em atentos(as) ou expectantes (estão atentos aos eventos) e manifestantes ou actuantes (realizam uma acção contínua: jesuítas, irmãos pontífices etc.). As multidões manifestantes ainda se podem dividir em multidões inclinadas ao ódio, ao amor e à dor (Tarde, 1986: 60-69).

## **7 Os males do público**

Tarde afirma que o público se pode tornar, embora raramente, numa multidão em potência, isto é, de um público tumultuoso derivariam "multidões fanáticas que se passeiam pelas ruas gritando viva ou morra não importa o quê"(Tarde, 1986: 50). Parece existir, neste ponto, uma contradição no pensamento de Tarde, pois se os públicos pressupõem um espaço de discussão crítica, como se explica que se transformem em multidões tumultuosas? Tarde procura resolver esta contradição, quando alude aos crimes do público. Tarde constata que o público, apesar de ser um espaço de discussão crítica superior à multidão, também possui males. Será esta posição aparentemente ambígua? Como conciliar uma reflexão discursiva intermental (mediante a invenção, oposição e imitação) existente nos salões, clubes, cafés etc. com a irracionalidade do crime? A resposta de Tarde situa-se na consideração de que públicos são colectividades constituídas por indivíduos, os quais também podem tender para o mal. Neste sentido, para Tarde os crimes do público distinguem-se dos crimes das multidões pelos seguintes aspectos: "(...) 1) são menos repulsivos; 2) são menos vingativos e menos interessados; menos vingativos e mais astutos; 3) são durante mais tempo e mais extensamente opressivos, e 4) finalmente, estão mais seguros da impunidade"(Tarde, 1986:71). Logo, os crimes do público são, aparentemente, menos

violentos que os crimes das multidões revoltadas. [Exemplo de um crime público: a devassa da vida privada pelos jornalistas].

Tarde defende que existe uma partilha e cumplicidade de interesses entre o público e os seus representantes ou dirigentes (13). Esta situação faz com que o público seja responsabilizado pelos erros e crimes cometidos pelos seus líderes: "será que o público eleitoral, que elegeu deputados sectários e fanáticos, não é também responsável das suas prevaricações, dos seus atentados contra as liberdades, contra os bens, contra as vidas dos cidadãos?" (Tarde, 1986: 75).

## **8 O indivíduo e a democracia**

Tarde teme que as democracias modernas, na sua tentativa de uniformização de direitos, anulem a capacidade crítica dos eruditos devido a uma massificação da cultura. Os intelectuais devem, assim, intervir no intuito de garantir a singularidade da invenção criativa e do espírito de resistência (Tarde, 1986: 77). Contrariando uma visão durkheimiana da Democracia como facto social coercivo sobre as iniciativas individuais, o pensamento individual é uma mediação interpsicológica que conduz à formação de um conceito de cidadania assente numa democracia participativa racionalmente criativa e crítica.

Tarde acredita na validade política da comunicação intermental na dialéctica entre invenção, imitação e oposição. A Democracia deve consagrar o direito à inovação e à crítica transformando a invenção individual em coisa pública. O pensamento dos intelectuais conduz invariavelmente à partilha de informações e excitações comuns no espaço público, através da transformação do laço unilateral (individual e psicológico) em laço recíproco (social e interpsicológico), através da convergência dialéctica entre invenção, imitação e oposição. A existência de laços sociais não anula a invenção antes a valoriza na aproximação intermental da comunicação unilateral à comunicação recíproca.

Para Tarde, só a valorização da invenção, associada à imitação

e oposição, permitirá preservar as correntes intelectuais e artísticas da destruição e do nivelamento de uma Democracia massificadora.

## 9 Tarde versus Durkheim

Tarde concebe as colectividades sociais (entre elas o público e a multidão) vinculadas a três leis sociais: repetição (imitação), oposição (conflito) e adaptação (invenção). Deste modo, a comunicação é um processo livre intermental do indivíduo para a sociedade. Contrariamente, Durkheim concebe a comunicação como um facto social, coercivo e exterior, da sociedade para o indivíduo.

Na perspectiva de Tarde, a sociedade é a imitação. As causas sociais da imitação são lógicas e extra-lógicas (não-lógicas). As leis lógicas da imitação actuam quando uma inovação é considerada por um homem (exercício de subjectividade) mais útil ou verdadeira que as outras. Marsden (2000: 3) resume as leis lógicas da imitação propostas por Tarde: "1) A origem de uma invenção envolve a recombinação de imitações existentes, e esta origem será influenciada pelo contexto social e pelas capacidades de todos os envolvidos na recombinação"(14). 2) O sucesso de uma imitação em espalhar-se geometricamente a partir do seu ponto de origem será uma função da sua adaptação, isto é, compatibilidade, com o ambiente de imitações existentes (15). 3) A selecção, isto é, a adopção de uma imitação ocorre ou através de uma 'substituição' envolvendo um 'duelo lógico' e 'luta' entre duas alternativas ou através de 'acumulação', um processo ligado a uma união lógica de imitações" (16).

Nas leis extra-lógicas, estão presentes descobertas antigas ou recentes, "abstraindo de qualquer prestígio ou de qualquer descrédito relacionado com a pessoa dos seus propagadores" ou com o espaço e tempo oriundos dessas descobertas (Tarde, s.d:168). As leis extra-lógicas da imitação são: "o movimento do interior (disposição do espírito) para o exterior (o comportamento que ele

induz), do superior para o inferior (o funcionamento dos modelos ligados à 'acção sugestiva e contagiosa dos indivíduos da elite'), a alteração do costume e da moda"(AAVV, 1996: 68). Por exemplo, na passagem do superior para o inferior a hierarquia dominante afirma a sua subjectividade impondo modelos aos subordinados, mas consequentemente existe um esforço de comunicação intermental recíproca (17).

O facto social é, essencialmente, um facto de imitação: "(...) a característica invariável de qualquer facto social qualquer que ele seja, é que ele é imitativo (...) (Tarde, 2000:24). Tarde vai mais longe: "(...) esta relação imitativa não foi, no seu início, tal como é frequentemente no fim, uma conexão lançando um indivíduo para uma massa confusa de homens, mas meramente uma relação entre dois indivíduos, um dos quais, a criança, está em vias de ser introduzida no processo da vida social, enquanto o outro, um adulto, há muito socializado, serve de modelo social para a criança (Tarde, 2000: 25)."A imitação pode estar ligada: 1) ao sonambulismo; 2) a uma influência; 3) a um acto de decisão; 4) à simpatia. E está baseada em hábitos (costumes) imitativos e nas modas imitativas.

Segundo Gurvitch (1977: 74-75), Tarde defende que, para além do aspecto psicológico, a sociedade é constituída por uma riqueza de obras de civilização: língua, educação, instrução, moral, religião, direito, poder político, indústria, arte, e ainda lutas, assimilações, associações, usos, hábitos e modas (nas quais existem oposições e adaptações). Excessivamente, Gurvitch comenta: Chega-se a um círculo vicioso que consiste em explicar a imitação pelas obras culturais e as obras culturais pela imitação". Durkheim, critica a primazia concedida por Tarde à imitação. Gurvitch (1977: 75) cita a crítica formulada por Durkheim contra Tarde em *Le Suicide*: "É impossível designar pelo mesmo nome de imitação o processo em virtude do qual, no seio de uma reunião de homens, um sentimento colectivo se elabora, o que nos leva aderir às regras comuns tradicionais de conduta e, finalmente, o que levou os carneiros de Panurgo a deitarem-se à água

porque um deles o fez. Uma coisa é sentirmos em comum, outra é inclinarmo-nos perante a autoridade da opinião, outra, ainda é repetirmos automaticamente o que os outros fizeram." Durkheim procura criar uma ciência, cujo objecto de estudo é o facto social. A Sociologia de Durkheim é o estudo dos factos sociais e a explicação desses factos através do método sociológico. Deste modo, o objecto de estudo da Sociologia é específico - o facto social - e deve ser distinto dos objectos das outras ciências. Consequentemente, o facto social pode ser explicado objectivamente, tal como as outras ciências explicam os seus factos. Durkheim procurava, assim, autonomizar a Sociologia dotando-a de um corpo teórico-metodológico próprio (o facto social e o método sociológico). O método sociológico de Durkheim configurou-se como paradigma exemplar fundador da Sociologia. Para Durkheim (1983: 14) a sociedade é uma unidade colectiva que submete os indivíduos através dos factos sociais: "(...) É facto social toda a maneira de fazer, fixada ou não, susceptível de exercer uma coerção exterior; ou ainda que é geral na extensão de uma sociedade dada, tendo ao mesmo tempo uma existência própria [o todo social], independentemente das suas manifestações individuais".

A sociologia de Gabriel Tarde é, acima de tudo, uma psicologia social. Para Tarde, a Sociologia só pode ser compreendida a partir de uma "psicologia intermental", que estude a interacção das consciências individuais, nomeadamente as "acções intermentais" e os "efeitos intercerebrais", complementada por uma lógica social que estude as obras de civilização. Contrariamente às teses correntes na época que encaravam a Sociologia como física social, biologia social ou ideologia social, Tarde prefere a expressão "psicologia social" (Cuin; Gresle, 1995: 66), (Lubek, 1981: 368). Tarde (1898a: 67) defende: "A verdade é que uma coisa social qualquer, uma palavra de uma língua, um rito de uma religião, um segredo de um ofício, um procedimento de arte, um artigo de lei, uma máxima moral, se transmite e passa, não do grupo social tomado colectivamente ao indivíduo, mas certamente de um indivíduo - parente, mãe, amigo, vizinho, camarada - a um outro

indivíduo, e que, na passagem de um espírito num outro espírito ela [a coisa social] se refracte". Esta afirmação pressupõe, em Tarde, a passagem da comunicação unilateral para a comunicação recíproca, processo necessário a uma compreensão mútua entre os vários indivíduos. Deste modo, a comunicação parte do indivíduo e incide sobre outro(s) indivíduo(s). Secundariamente, os indivíduos realizam a interação social, através de uma reciprocidade intermental, que pode conduzir à formação de laços sociais mediante a partilha discursiva de informações e excitações comuns. Neste sentido, Tarde critica o carácter coercivo, exterior e colectivamente orientado do facto social, pois autores como Durkheim não conseguem explicar como é que o colectivo social pode ser assimilado coercivamente pelos indivíduos sem que existam relações intermentais. "(...) Aqueles escritores imaginam que estão declarando uma verdade com grande peso quando eles afirmam, por exemplo, que as línguas e as religiões são produções colectivas; que as multidões, sem um líder, construíram o Grego, o Sanscrito e o Hebreu, tal como o Budismo e a Cristandade, e que as formações e transformações das sociedades são sempre explicadas pela acção coerciva do grupo sobre os seus membros individuais. (...) estes autores falham em perceber que postulando uma força colectiva, a qual implica a conformidade de milhões de homens agindo juntos sob certas relações, eles não prestam atenção a uma grande dificuldade, nomeadamente, o problema de explicar como é que uma tal assimilação geral podia alguma vez ter lugar (...) se estendermos a análise [tal como Tarde faz] para a relação intercerebral de duas mentes, uma reflectindo a outra. Apenas, assim, podemos explicar os acordos parciais, o bater dos corações em uníssonos e as comunhões de alma, as quais uma vez ganhas sobre e depois, perpetuadas pela tradição e imitação dos nossos antecessores, exercem no indivíduo uma pressão que é frequentemente tirânica, mas saudável"(Tarde, 2000: 25). Tarde também reconhece: "(...) À medida que avançamos na vida, é verdade, que somos frequentemente governados por modelos colectivos e impessoais"(Tarde, 2000: 25). A influência do meio social sobre o

indivíduo não é um fenómeno de coerção exterior. Mas resulta do contágio imitativo intermental perpetuado, por exemplo, pela tradição, influência, educação, costumes e modas. Neste sentido, a invenção, fonte de iniciativas criativas, individuais e independentes, está dependente das leis da imitação efectivadas na actividade intermental.

A importância de Tarde na Sociologia foi reduzida. Poucos são os livros que incluem Tarde como fundador da Sociologia. Segundo Lubek (1981: 370-376), apoiado em Clark (1973), Tarde é menos conhecido e menos aceite pela comunidade científica do que Durkheim, porque, ao longo da sua carreira, sempre esteve à margem do sistema universitário. Este motivo explica o facto de Tarde não ter muitos discípulos. Tarde, ensinando fora das cadeiras universitárias clássicas, surge como um autodidacta membro de um grupo de sociólogos isolados em relação ao positivismo, que inundava as ciências sociais, e reunido à volta da *Revue internationale de sociologie* criada por Worms em 1893.

## 10 Subjectividade e intersubjectividade

A interpsicologia tem a especificidade do pensamento nominalista de Tarde. No entanto, podemos comparar esta teoria à luz da temática da subjectividade e intersubjectividade, por exemplo no quadro da fenomenologia social. Wagner, partindo da análise dos termos empregues por Schütz (1979: 316,313) define subjectividade e intersubjectividade. Quanto à subjectividade, "No sentido imediato, o termo se refere exclusivamente a experiências, cogitações, motivos, etc. de um indivíduo concreto. Em termos restritos o *significado subjectivo* inerente à conduta é sempre o significado que a pessoa que age atribui à sua própria conduta: consiste em seus motivos, isto é, suas razões para agir e seus objectivos, seus planos imediatos ou a longo prazo, sua definição da situação de outras pessoas, sua concepção de seu próprio papel na situação dada etc. A intersubjectividade é uma "categoria que, em geral, se refere (especialmente em termos cognitivos) ao que é comum



a vários indivíduos (...) O conjunto das experiências no decorrer da vida de uma pessoa confirma e reforça a convicção de que, em princípio, e em circunstâncias normais, pessoas em contacto umas com as outras, pelo menos na medida em que são capazes de lidar umas com as outras com sucesso [se] 'compreendem' umas às outras". Neste contexto, por um lado, a invenção e a subjectividade correspondem a uma comunicação unilateral; por outro lado, a imitação (associada à oposição social e invenção) - e a intersubjectividade configuram uma comunicação recíproca. Deste modo, no público a acção do publicista é mais intensa devido à coesão mental, embora existam interacções (fracas) entre os membros do público - valorização da comunicação unilateral (subjectividade). Na multidão é o contrário: o líder inspirador exerce uma influência menos intensa e sempre contrabalançada pelos interesses materiais dos indivíduos - valorização da comunicação recíproca (intersubjectividade). No entanto, apesar destas diferenças, a transformação de qualquer classe de grupos sociais em públicos explica-se pela natureza comunicacional dos indivíduos e pelo contágio imitativo do meio social, que torna possível a partilha de acções e reacções de informação.

Para Baigorri (1994), Tarde é precursor da divisão entre apocalípticos e integrados presente na obra de Umberto Eco. Reformulando a posição de Baigorri no quadro da subjectividade e intersubjectividade, podemos assinalar uma dialéctica entre, por um lado, o carácter apocalíptico da apreciação sobre o individualismo inventivo e, por outro lado, o carácter integrado e optimista da apreciação da reciprocidade intermental. Em primeiro lugar, a crítica à decadência da singularidade criativa humana, em virtude das democracias massificadoras, e a necessidade de uma valorização da invenção espiritual indicia o carácter apocalíptico da subjectividade. Em segundo lugar, Tarde aproxima-se de uma posição de integrado e optimista sobre a intersubjectividade na cultura de massas quando afirma que as profundas transformações sociais operadas pela imprensa e mediadas por discussões comunicacio-

nais recíprocas, devido à sociabilidade podem conduzir à união e pacificação finais.

## 11 Conclusão

Para Lubek (1981: 375), à excepção de Clark (1969: 16-18) e Karpf (1932: 93-94) que salientam a interpsicologia como elemento de interacção entre os indivíduos, a maioria dos autores, que comentam o debate entre Tarde e Durkheim, "ignoraram as posições interpsicológicas de Tarde e não viram nos seus escritos mais do que o seu 'psicologismo' e/ou o seu individualismo." No presente estudo procuramos contrariar esta tendência. É evidente que Tarde enfatiza nos seus primeiros escritos, sobretudo, o primado do indivíduo. Mas nos escritos posteriores (por exemplo, em *Etudes de Psychologie sociale*, *La psychologie inter-mentale* e *L' inter-psychologie*) Tarde anuncia já aquilo que seria o propósito central de *L' opinion et la foule* - analisar as relações intermentais nas formas de associação mais significativas. Segundo Lubek (1981: 374), Tarde pretende observar directamente "os efeitos da interacção no seio dos grupos, seitas, públicos, multidões e entre as nacionalidades ou os sexos". Neste contexto, o debate entre Tarde e Durkheim conduziu o pensamento de Tarde para a aceitação de uma interpsicologia que parte do indivíduo e procura compreender a lógica social.

Os partidários de Durkheim, pelo facto de Tarde valorizar o indivíduo na comunicação em sociedade, foram incapazes de aceitar a interpsicologia como uma teoria da interacção social no contexto da comunicação recíproca. Bouglé (1905: 313) considera Tarde um "sociólogo individualista": "Nenhum sociólogo se mostra, em última análise, mais individualista do que Tarde. Seja porque ele procura a causa primeira, seja porque ele fixa o último fim da evolução das sociedades: é sempre perante a originalidade pessoal que ele se inclina. Aos seus olhos, tudo parte do individual, e tudo aí regressa; o indivíduo é a primeira e última pedra do edifício. É o alfa e o omega do sistema". O presente trabalho de

investigação vem desmistificar a crença de que Tarde é um pensador que acentua apenas o individualismo. É verdade que para Tarde a comunicação dos indivíduos em sociedade parte do indivíduo e dirige-se a outro(s) indivíduo(s). Este facto não pode ser considerado apenas como a valorização do individual, mas sim a passagem do indivíduo à sociedade. É a partir da concepção da sociedade como um facto social de imitação que Tarde acredita na comunicação recíproca entre os indivíduos (no âmbito da interacção entre invenção, imitação e oposição). Recusamos, tal como Tarde, a supremacia do facto social exterior e coercivo sobre os indivíduos. A História demonstra que a liberdade e a oposição caracterizam a natureza humana. Seguindo Tarde, acreditamos na comunicação unilateral e na comunicação recíproca entre os indivíduos. Consequentemente, só a partir da comunicação regular de informações e opiniões em sociedade é possível a influência do meio social sobre o pensamento individual.

Tendo em conta a temática subjectividade e intersubjectividade, podemos estabelecer uma reflexão sobre as seguintes questões:

- Será que a emergência do indivíduo nas colectividades sociais, sem negar as suas potencialidades criativas, não se constrói no contacto intersubjectivo alimentado por uma discussão crítica comunitária não massificadora e contínua?
- Será que alguma vez o pensamento se pode tornar verdadeiramente independente?
- Será que o homem é o resultado de uma mundividência historicamente situada na linguagem enquanto veículo dialéctico do social?
- Não será o público um conjunto de indivíduos unidos por uma espiritualidade mental no seu sistema de crenças, ainda que cada um procure cultivar uma razão esclarecida?

- Não será a multidão o resultado de respostas emocionais entre indivíduos unidos perante interesses naturais?

Todas estas questões denotam uma dialéctica entre subjectividade e intersubjectividade, conceitos indissociáveis na acção comunicacional. Cada individualidade é uma natureza crítica inventiva à luz da razão esclarecida do Iluminismo. Mas, o indivíduo encontra-se inserido no mundo social numa complexa rede de laços sociais mediados por uma comunicação de consciência a consciência. A presente dissertação sugere a ideia de que é possível explicar as interações sociais no público e na multidão, a partir da interpsicologia e da comunicação regular entre os indivíduos.

Partindo dos conceitos de público, multidão e massa podemos formular uma relação entre a comunicação simbólica em sociedade. O público constitui, simultaneamente, um espaço de afirmação da individualidade crítica e uma colectividade de representação linguística intersubjectivamente fundada, pressupondo uma dupla técnica: a afirmação da singularidade racional e a partilha de informações e o opiniões comuns. A multidão consiste numa colectividade amorfa e receptivamente passiva dominada por representações espectacularizadas, através de uma técnica: a instrumentalização exercida por um dado líder. A massa é o momento supremo da alienação do indivíduo, o qual nega o criticismo individual (razão egocêntrica) e colectivo (razão intersubjectivamente fundada), em favor de uma técnica: a adesão às representações linguísticas dominadas pelo espectáculo mediático.

## 12 Notas

### (1) Actividade Intermental ou Interpsicologia

Tarde defende que o mais simples facto social liga-se não à esfera intrapsíquica, mas ao universo intermental. "A interpartilha entre dois indivíduos, onde um imita o outro, é a característica necessária para o modelo social. A sociedade

copia e desenvolve-se do mais baixo [nível] para o mais alto através de um processo de imitação."(Enerstvedt, 2000: 6). A base da actividade intermental são os desejos e as crenças. Três linhas orientadoras comandam a interpsicologia: imitação, invenção e oposição. A imitação permite as contínuas mutações sociais e a produção de semelhanças na sociedade. A invenção é uma iniciativa de cada indivíduo e depois está sujeita a um processo de comunicação mútua, permitindo uma aproximação às alterações do ambiente. Neste sentido, maior população implica maiores alterações entre os indivíduos e conseqüentemente maiores invenções. Para a invenção provocar mutação e progresso é necessário que exista, simultaneamente, imitação. Em terceiro lugar, surge a oposição ou conflito. Tarde distingue oposição psicológica (contraste de ideias na mente de um mesmo indivíduo) e oposição social (contraste de ideias entre vários indivíduos que defendem invenções divergentes). Toda a invenção provém, primeiramente, do génio individual e a sociedade advém da difusão da imitação. Na sociedade, a invenção individual é imitada e resulta secundariamente na troca comunicacional de informações e excitações comuns. Neste último caso, as relações intersíquicas dependem da imitação, invenção e oposição existentes entre os indivíduos.

Tomado em sentido geral, o sistema da actividade intermental designa as relações comunicacionais de transmissão do pensamento entre pelo menos dois indivíduos.

- (2) Tarde nunca emprega a expressão "espaço público", no sentido corrente nas Ciências Sociais e na Filosofia consagrada por autores como Arendt, Habermas e Mills.
- (3) BLUMER, Herbert, 1946, *Collective behaviour* in LEE, A., *New Outlines of the principles of sociology*, New York, Barnes and Noble.
- (4) PARK, Robert, 1972, *The crowd and the public and others*

essays, Chicago, University of Chicago Press (texto original editado em 1904).

- (5) A Mass Communication Research inicia-se com a publicação de Lasswell (1927) - *Propaganda techniques in the world war*. Para Mattelart, a Mass Communication Research assentava em abordagens quantitativas e era sinónimo [nos seus primórdios] de uma "sociologia americana dos media". Entre os autores da Mass Communication Research sobressaem: Lasswell, Lazarsfeld, Katz, Lewin, Berelson e Hovland. Em 1937, funda-se a revista *The Public Opinion Quarterly*, órgão da *American Association for Public Opinion Research*. Esta revista procurava congregar os investigadores, o Estado, os publicitários, as relações públicas, a imprensa, a rádio e o cinema nos [múltiplos] processos de comunicação (Mattelart, 1996: 366-367). Surge, assim, um importante contributo para a investigação da opinião pública.
- (6) Alfred Dreyfus (1859-1935), militar francês de origem judaica. Foi acusado de alta traição e injustamente condenado por espionagem pelo facto de ser judeu. Mais tarde, foi perdoado e reabilitado, após a revisão do seu processo. O caso Dreyfus foi amplamente debatido pela opinião pública francesa. Os seus adversários estavam centrados na Liga da Pátria Francesa e os seus partidários encontravam-se reunidos na Liga dos Direitos do Homem.
- (7) Esta tese é herdeira da singularidade racional crítica do Iluminismo. Para Tarde, a realidade social advém dos indivíduos e das relações recíprocas entre eles. Tarde situa-se na linha de pensamento de autores como Spencer, Quetelet e Condorcet, os quais salientam a continuidade entre o indivíduo e a sociedade (colectivo). Deste modo, os factos sociais não são coisas exteriores coercivas independentes das manifestações individuais (como Durkheim defendia), mas laços sociais formados entre os indivíduos. A sociedade constitui, as-

sim, um conjunto de relações interpsicológicas, em que cada indivíduo exerce uma acção de invenção, imitação e oposição. Tarde valoriza o laço unilateral. "T. N. Clark e, mais recentemente, I. Lubek distinguiram bem aquilo que torna as teses de Tarde discordantes em relação àquelas que dominavam na sua época (...). [Tarde] pertence a uma tradição que colocando o acento na subjectividade, credita as condutas individuais de uma real espontaneidade face aos quadros institucionais e relaciona a existência de valores colectivos à iniciativa e à invenção pessoais"(AAVV, 1996: 68).

- (8) Os jornalistas e publicistas têm um maior potencial de afirmação que os simples cidadãos, pois têm um controlo mais efectivo sobre os meios de comunicação social. Actualmente, os novos publicistas e os jornalistas servem-se de novas mediações - as novas tecnologias da comunicação (por exemplo: multimedia, internet e futuramente a rádio e televisão digitais) - para formarem a opinião pública. Desde o século XVII até ao século XX, o desenvolvimento da imprensa conduziu à formação de uma opinião pública crítica. Progressivamente, a mediação da opinião pública é exercida nos jornais, na rádio, na televisão e nas novas tecnologias da comunicação assistindo-se a uma simultaneidade da acção comunicativa (empenhada na discussão crítica) e da acção instrumental (manipulação dos media).
- (9) Podemos afirmar que a comunicação de informações e excitações comuns, postulada por Tarde no público, é análoga, em Habermas (1987: 416), às teorias sociológicas da acção, as quais "admitem a comunicação no meio da linguagem ou em todo o caso a troca de informações. (...) [as teorias sociológicas] divergem (...) quanto à maneira de conceber a coordenação das acções; elas postulam ou bem o *acordo*, e logo um saber *partilhado* [numa acção social não manipuladora orientada para a intercompreensão - razão comunicacional], ou bem somente uma *influência* externa que os actores exercem

uns sobre os outros [numa acção social manipuladora orientada para o sucesso - acção estratégica]. Tarde não esclarece, em definitivo, se a comunicação de informações e sentimentos comuns visa, em qualquer circunstância, atingir o acordo, embora a imprensa caminhe "no sentido da união e da pacificação finais"(Tarde, 1986: 76). E para Habermas (1987: 436), "(...) nem toda a interacção mediatizada pela linguagem representa um caso de actividade intercompreensiva. O acto de fala elementar não pode servir de modelo à formação de um consenso (...) senão numa única condição: é necessário que o uso da linguagem a partir dos fins de intercompreensão possa ser designado como o modo originário de todo o emprego da linguagem (...)". Para Habermas, (1984: 46-106) a discussão crítica existente na esfera pública burguesa [salões, cafés, clubes, Assembleias políticas etc.] deve levar a vontade a uma razão "*que se produz na concorrência pública dos argumentos privados como consenso sobre o praticamente necessário no interesse geral.*" Todavia, Katz (1999: 1) refere que Habermas não esclarece, totalmente, a passagem dos cenários informais dos cafés, clubes e salões para o campo discursivo estritamente racional e colectivamente orientado da esfera pública burguesa.

- (10) Estado para o qual, segundo Ribot (psicólogo francês 1839-1916) tende a actividade intelectual: a consciência encontra-se concentrada e organizada em torno de uma ideia dominante. Onwicz usa este vocábulo para indicar o estado psicológico no sonho, no sono hipnótico ou no êxtase em que tudo se centra numa ideia ou numa única ordem mental.
- (11) Cornelius Janssen, dito Jansénio, nasceu em Acquoy (perto de Amesterdão) no ano de 1585 e morreu em Ypres em 1638. Foi teólogo e bispo de Ypres. Na sua principal obra póstuma - Augustinus - expõe as doutrinas de Santo Agostinho sobre a predestinação, o livre arbítrio e a graça. Esta obra deu origem à corrente conhecida por jansenismo. No âmbito



da multidão, Janssen refere a existência da bruxa e adivinha Hoffmann, que, em 1529, dirigia grupos de camponeses e camponesas insurrectas devido às pregações luteranas.

- (12) Hyppolite Taine nasceu, em Vouziers, em 1828 e morreu em Paris em 1893. Foi filósofo, crítico e historiador. As suas principais obras são: *Origines de la France contemporaine*, *Essai sur les fables de La Fontaine* e *Philosophes français du XIXème siècle*. Procurou explicar as obras artísticas e os factos históricos a partir de três factores matriciais: tempo, meio e raça. Taine descreve o comportamento das multidões tumultuosas que, durante o período agitado da Revolução Francesa, defendiam a morte da rainha Maria Antonieta e do rei Luís XVI.
- (13) Esta questão, põe em causa a moralidade dos públicos políticos que legitimaram os regimes contrários ao espírito democrático. A cumplicidade destes públicos políticos perante líderes sectários e totalitários é mais um exemplo dos crimes do público.
- (14) Tarde dá o exemplo da linguística. Por um lado, pequenas invenções linguísticas foram sugeridas aos primeiros linguistas "(...) por imitação de si ou de outrem", isto é, por contágio social imitativo (Tarde, s.d: 169). Por outro lado, linguistas de renome criaram logicamente, por imitação do latim, palavras que associaram ao prestígio da sua pessoa conseguindo pô-las em circulação (Tarde, s.d: 171).
- (15) Neste sentido, para Tarde tudo aquilo que é imitado é sempre uma crença (ideia ou querer) e um desejo (opinião ou desígnio) que se manifesta no espírito de uma língua, nas orações de uma religião, nos artigos de um código, nos deveres morais, no trabalho da indústria e nos processos da arte.
- (16) A adopção de uma imitação só é possível porque existe progresso. As revoluções sociais são a causa do progresso. Mas

o que é o progresso? "O progresso é então uma espécie de meditação colectiva e sem cérebro próprio, mas tornado possível pela solidariedade (graças à imitação) dos múltiplos cérebros de inventores, de sábios que permutam as suas descobertas sucessivas (...)"(Tarde, s.d: 176). Tarde esclarece que o progresso não tem cérebro próprio, isto é, resulta da solidariedade recíproca dos vários inventores que partilham a troca descobertas ou invenções. O pensamento individual de cada inventor continua a existir, enquanto afirmação do laço unilateral. Mas secundariamente surge o laço recíproco através de uma comunicação (solidária) entre os vários indivíduos. Em estágio final, as múltiplas invenções, originariamente individuais, são revistas em função de uma meditação colectiva e necessariamente imitativa. O progresso tem duas vertentes: progresso social e progresso individual. Em ambos, surge ora a substituição através de duelos lógicos, ora a acumulação a partir de uniões lógicas. O duelo lógico aparece quando a nova invenção vem substituir as antigas descobertas e provoca: um aumento de fé naqueles que aceitam as novas invenções; uma diminuição de fé naqueles que rejeitam as antigas invenções. Consequentemente, para Tarde a história das sociedades é um conjunto de duelos lógicos. "Não existe instituição pacífica que não tenha a discórdia por mãe. - Uma gramática, um código, uma constituição implícita ou escrita, uma indústria reinante, uma poética soberana, um catecismo: tudo isso, que é o fundo categórico das sociedades, é obra lenta e gradual da dialéctica social. (Neste ponto, Tarde aproxima-se de Marx. Os duelos lógicos de Tarde são, para Marx, a contínua luta de classes). Tarde assinala duelos linguísticos (quando uma língua tenta impor-se sobre um dialecto); duelos religiosos (a luta entre o dogma oficial e o dogma herético); duelos jurídicos (a luta para a aprovação de uma lei ou a luta no tribunal entre um autor e um demandado); duelos industriais (entre uma invenção já instalada há algum tempo e as novas invenções que tentam espalhar-se);

duelos artísticos (uma escola que afirma um género de beleza negado por outra escola). Quanto às uniões lógicas, nas quais há uma acumulação de invenções, Tarde dá o exemplo das línguas, das mais antigas organizações políticas, da religião e da ciência. Em todos estes momentos, a imitação resulta num esforço lógico de unidade intermental, que pressupõe uma acumulação de invenções. "As línguas (...) começaram certamente por se formar por uma aquisição sucessiva de palavras, de formas verbais, que exprimindo ainda ideias não expressas, não encontraram qualquer rivalidade a vencer para se estabelecerem; (...)"(Tarde, s.d:202). E noutra passagem: "(...) O ideal seria que cada ciência distintiva fosse redutível, como a astronomia moderna, a uma fórmula única, e que essas fórmulas diferentes tivessem como ligação uma fórmula superior; que numa palavra, não houvesse ciências, mas ciência (...)"(Tarde, s.d: 206) (Este é o projecto da modernidade, nomeadamente de Descartes e Leibniz: construir uma ciência que fosse verdadeira *materies universalis*).

(17) Deste modo, Tarde afirma: "(...) mesmo no caso em que a acção das leis lógicas não intervém, não é somente o superior que se faz imitar pelo inferior, o patricio pelo plebeu, o nobre pelo vilão, o clérigo pelo leigo, mais tarde o parisiense pelo provinciano, o homem das cidades pelo camponês, etc.: é ainda o inferior que, numa certa medida, bem menor, é verdade, é copiado ou tende a ser copiado pelo superior. Quando dois homens estão em presença e em contacto prolongado, por mais alto que seja um e por mais baixo que seja o outro, eles acabam sempre por se imitar reciprocamente, mas um muito mais e o outro muito menos (...)"(Tarde, s.d: 247). (Nesta passagem, é nítida a influência da dialéctica do senhor e do escravo de Hegel no pensamento de Tarde).

### 13 Bibliografia

- AAVV, 1995, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora. (Artigo consultado: “Monoideísmo”).
- AAVV, 1979, *Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse-Seleções*, Porto, Selecções do Reader’s Digest. (Artigos consultados: “Jansénio”, “Taine”, “Monoideísmo”, “Ribot”, “Jansenismo”, “Dreyfus”).
- AAVV, 1995, *Enciclopédia Visual e Temática Larousse-Seleções*, Lisboa, Selecções do Reader’s Digest. (Tema consultado: “Comunicação e Media”).
- AAVV, 1972, *International Encyclopedia of the Social Sciences*, New York, The Macmillan Company and Free Press. (Artigos consultados: “Public Opinion”, “Tarde”, “Durkheim”, “Simmel”, “Imitation”).
- AAVV, 1989-1991, *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa, Verbo. (Artigos consultados: “Tarde”, “Ortega y Gasset”, “Subjectividade”, “Intersubjectividade”, “Sociedade”).
- AAVV, 1989, *The International Encyclopedia of Communications*, New York, The Annenberg School for Communication - University of Pennsylvania and Oxford University Press. (Artigos consultados: “Tarde”, “Public Opinion”, “Mass Communication Research”).
- AAVV, 1995, *The New Encyclopaedia Britannica*, London, Encyclopaedia Britannica, Inc. (Artigos consultados: “Tarde”, “Bryce”, “Almond”, “Berelson”, “Merton”, “Lazarsfeld”, “Habermas”, “Public Opinion”, “James”, “Park”, “Baldwin”, “Durkheim”, “Cooley”).
- AAVV, 1990, *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris, Presses Universitaires de France. (Artigos consultados: “Tarde”,

“Condorcet”, “Durkheim”, “Rousseau”, “Spencer”, “Crime (sociologie du crime)”, “Imitation”).

AAVV, 1996, *Encyclopaedia Universalis*, Paris, *Encyclopaedia Universalis France S. A.* (Artigos consultados: “Imitation”, “Gabriel Tarde”, “Subjectivité”, “Intersubjectivité”, “Individu et Société”, “Sociologie”, “Invention”, “Opinion Publique”).

AAVV, 1985, *The Social Science Encyclopedia Edited by Adam Kuper and Jessica Kuper*, London, Boston e Henley, Routledge and Kegan Paul. (Artigos consultados: “Durkheim”, “Tarde”).

AAVV, 1991, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, Verbo. (Artigo consultado: “Tarde”).

AAVV, 2000, *MorphoCycles Personenregister*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.morphocycles.com/ned/personen.htm>

AAVV, 2000, *Philosophenlexikon.de - Gabriel Tarde (1843-1904)*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.pyrron.de/philos/Tarde.htm>

AAVV, s.d., *Gabriel (de) Tarde (1843-1904) Le juriste sociologue*, s.l., Texto acedido através da Internet. <http://www.sociodroit.ifrance.com/sociodroit/tarde.html>

AAVV, s.d., *Sosiaalipsykologiaa: Sosiaalipsykologian alkumuo-dot Europassa: Gabriel Tarde*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.uta.fi/tyt/avoin/verkko-opinnot/sospsyka/sptarde.htm>

AAVV, s.d., *Untitled Document Gabriel Tarde*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.socsci.mcmaster.ca/~econ/ugcm/3ll3/tarde/>

- AAVV, s.d., s.t. 3, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.uca.edu.sv/facultat/chn/c1170/agdt0503.html>
- AAVV, s.d., *Public Opinion Quarterly Index: Book Title Index*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.aapor.org/poq/BOKINDEX/G-TTT.HTM>
- AAVV, s.d., *The Rules of Sociological Method (1895) [Excerpt from Robert Alan Jones. Émile Durkheim: An Introduction to Four Major Works. Beverly Hills, CA: Sage Publications, Inc., 1986. Pp. 60-81.]*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.lang.uiuc.edu/durkheim/Summaries/rules.html>
- AAVV, s.d., *History of Criminological Thought: Gabriel Tarde*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.nwmissouri.edu/nwcourses/martin/criminology/introcriminology/sld015.htm>
- AAVV, 1995, *El nuevo espacio público*, Barcelona, Editorial Gedisa.
- ANTUNES, Marco António Antunes, 2001, *Público, Subjectividade e Intersubjectividade em Gabriel Tarde*, Covilhã, Universidade da Beira Interior (Texto acedido através da internet através da Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt))
- ARON, Raymond, 1994, *As etapas do pensamento sociológico*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- BAIGORRI, Artemio, 1994, *Gabriel Tarde El grán miedo burgués* Badajoz, Universidad de Extremadura. Texto acedido através da Internet. <http://www.fortunecity.com/victorian/carmelita/379/papers/tarde.html>
- BAIGORRI, Artemio, 1999, *Re: Mensagem de Marco Antunes*, Badajoz, Universidad de Extremadura. Texto acedido através da internet.

- BOUDON, R; BOURRICAUD, F., 1982, *Dictionnaire Critique de la Sociologie*, Paris, Presses Universitaires de France. (Artigos consultados: “Durkheim”, “Simmel”).
- BOUGLÉ, Célestin, 1905, *Un sociologue individualiste: Gabriel Tarde* in *Revue de Paris*, XII, Paris
- COHN, Gabriel, 1987, *Comunicação e Indústria Cultural*, São Paulo, T. A. Queirós Editora.
- CORREIA, João Carlos, 1998, *Jornalismo e Espaço Público*, Covilhã, Universidade da Beira Interior.
- CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François, 1995, *História da Sociologia*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- CRUZ, Manuel Braga da, 1995, *Teorias Sociológicas - Os Fundadores e os Clássicos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol.1 e 2.
- DARNTON, Robert, 2000, *An Early Information Society: News and Media in Eighteenth-Century Paris* in *The American Historical Review*, vol.105 N° 1, American Historical Association, The Organization of American Historians, University of Illinois Press and National Academy Press (EUA). Texto acedido através da Internet. <http://www.historycooperative.org/journals/ahr/105.1/ah000001.html>
- DURKHEIM, Émile, 1983, *Les règles de la méthode sociologique*, Paris, Presses Universitaires de France.
- ECO, Umberto, 1991, *Apocalípticos e Integrados*, Lisboa, Diefel.
- ENERSTVEDT, 2000, *The Concept of Activity In Relation To The Main Sociological Action Theories* in *Sosiologisk Arbok 1985 (Sociology Yearbook 1985)*, Oslo, Department of Sociology - University of Oslo. Tradução de Stephen Dobson. Texto acedido através da Internet. <http://www.uio.no/~regie/litteratur/Artikler/Action.htm>

- GARCIA, José Luís Dader, 1992, *El periodista en el Espacio Público*, Barcelona, Bosch.
- GURVITCH, Georges, 1977, *Tratado de Sociologia*, São Paulo, Martins Fontes, vol. 1.
- HABERMAS, Jürgen, 1987, *Explicitations du concept d' Activité Communicationnelle in Logique des sciences sociales et autres essais*, Paris, Presses Universitaires de France.
- HABERMAS, Jürgen, 1984, *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro.
- HINTON, Sam, 1998 (11 Mar), *The Potential of the Latent Public Sphere*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.anu.edu.au/~e951611/papers/potential.html>
- HUNTER, Christopher D., 2000 (11 Fev), *Tarde response*, Philadelphia, The Annenberg School for Communication - University of Pennsylvania (EUA). Texto acedido através da Internet.
- KATZ, Elihu, 1999 (30 Nov), *Assunto: Tarde*, Philadelphia, The Annenberg School for Communication - University of Pennsylvania (EUA). Texto acedido através da Internet.
- KATZ, Elihu, 2000 (11 Fev), *RE: Tarde Response*, Philadelphia, The Annenberg School for Communication - University of Pennsylvania (EUA). Texto acedido através da Internet.
- KIM, Joohoan, s.d., *Communicative action in the public sphere: Rethinking the link of media - conversation - public Opinion - participation*, The Annenberg School for Communication - University of Pennsylvania (EUA). Texto acedido através da Internet.



- KIM, Joohoan, s.d., *Reconceptualizing media effects in the public sphere: Communicative body in action*, The Annenberg School for Communication - University of Pennsylvania (EUA). Texto acedido através da Internet.
- LATOURE, Bruno, 1999 (Mai), *Pourquoi viens-tu si tarde?*, Paris, École des mines de Paris. Texto acedido através da Internet. <http://www.larecherche.fr/VIEW/320/03200811.html>
- LAZZARATO, Maurizio, s.d., *Tradition culturelle européenne et nouvelles formes de production et circulation de savoir*, s.l. kollektive arbeit bulletin nº 3. Texto acedido através da Internet. [http://www.k3000.ch/bulletin/kollektive\\_arbeit/archive/site011.html](http://www.k3000.ch/bulletin/kollektive_arbeit/archive/site011.html)
- LUBEK, Ian, 1981, *Histoire de psychologies sociales perdues: le cas de Gabriel Tarde* in *Revue française de sociologie*, vol. XII-3, Paris.
- MARSDEN, Paul, 2000, *Forefathers of Memetics: Gabriel Tarde and the Laws of Imitation* in *Journal of Memetics - Evolutionary Models of Information Transmission*, 4. Texto acedido através da Internet. [http://www.cpm.mmu.ac.uk/jom-emit/2000/vol4/marsden\\_p.html](http://www.cpm.mmu.ac.uk/jom-emit/2000/vol4/marsden_p.html)
- MATTELART, Armand, 1996, *A Invenção da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- MILLS, C. Wright, 1956, *The Power Elite*, New York, Oxford University Press.
- MORONGIU, Jean-Baptiste, 1999 (11 Mar) *Cents ans plus Tarde* in *Libération - Cahiers Livres*, Paris, Libération.com. Texto acedido através da Internet. <http://www.liberation.com/livres/99mars/0311Tarde.html>
- NOELLE-NEUMANN, Elisabeth, 1995, *La espiral del silencio Opinión pública: nuestra piel social*, Barcelona, Paidós.

- PRICE, Vincent, 1994, *La Opinión Pública - Esfera pública y Comunicación*, Barcelona, Paidós.
- ROBINSON, Steve, s.d., *The Jürgen Habermas Web Resource*, s.l. Michigan State University. Texto acedido através da Internet. <http://www.msu.edu/user/robins11/habermas/main.html>
- RODRIGUES, Adriano Duarte, 1985, *O público e o privado* in *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, Covilhã, Universidade da Beira Interior. Texto acedido através da Internet. <http://www.bocc.ubi.pt> (Originariamente publicado na *Revista de Comunicação e Linguagens* vol. 2, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa).
- SANTOS, Rogério, 1998, *Os novos media e o espaço público*, Lisboa, Gradiva.
- SFEZ, Lucien, 1994, *Crítica da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- SIMMEL, Georg, s.d, *How is Society Possible?* in *American Journal of Sociology*, vol. 16 (1910-11), s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.socsci.mcmaster.ca/~econ/ugcm/3113/simmel/>
- TARDE, Gabriel, 1986, *La Opinión y la Multitud*, Madrid, Taurus.
- TARDE, Gabriel, 1989, *L' opinion et la foule*, Paris, Presses Universitaires de France.
- TARDE, Gabriel, 1991, *A Opinião e a Multidão*, Lisboa, Publicações Europa América.
- TARDE, Gabriel, 1999, *Monadologie et Sociologie* in *Libération - Cahiers Livres*, Paris, Libération.com. Texto acedido através da Internet. <http://www.liberation.fr/chapitre/tarde.html>

TARDE, Gabriel, 2000, *Social Laws: An Outline of Sociology*, Kitchener, Batoche Books. (Originariamente publicado em 1899, em Nova Iorque, Macmillan e com um Prefácio de James Mark Baldwin). Texto acedido através da Internet. <http://www.socsci.mcmaster.ca/~econ/ugcm/3II3/tarde/laws.pdf>

TARDE, Gabriel, s.d., *As Leis da Imitação*, Porto, Rés

UHL, Magali, s.d., *La connaissance incarnée* in *Philagora.net*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.philagora.net/philos/connais1.htm> <http://www.philagora.net/philos/connais2.htm>.

WILLIAMS, Gwen, s.d., *Gabriel Tarde and the Imitation of Deviance*, s.l. Texto acedido através da Internet. <http://www.criminology.fsu.edu/crimtheory/tarde.html>

Outros dados em:

<http://classiques.uqac.ca/>

<http://www.infoamerica.org/teoria/tarde1.htm>